

JORNALISMO E POLIFONIA — A REPORTAGEM COMO TRAMA DE VOZES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE FELIPE KLEIN*

Fernando Albuquerque Miranda**

RESUMO

Este artigo versa sobre as confluências entre jornalismo e discurso nos meios impressos no âmbito da indústria cultural conceituada por Adorno e Horkheimer. Nesse contexto, estudamos a presença do sincretismo entre gêneros e linguagens nos relatos jornalísticos dos meios impressos e a evolução da categoria notícia para os conceitos de reportagem e jornalismo interpretativo. Esses gêneros, como relatos aprofundados de um fato, obrigam o repórter a alinhar um vasto material informativo, reunido por meio de entrevistas e pesquisas. O objetivo é analisar a presença dessas vozes polêmicas, polifônicas, na construção da identidade do personagem Felipe Klein, da matéria "A tragédia de Felipe Klein", do jornal Já, de Porto Alegre, vencedora do Prêmio Esso de 2004, na categoria reportagem.

Palavras-chave: indústria cultural; jornalismo; polifonia e identidade.

ABSTRACT

This article examines the confluences between journalism and discourse in printed material within the scope of the culture industry as described by Adorno and Horkheimer. Within this context, we studied the presence of syncretism among genres and languages in journalistic reports in the print media and the evolution of the category news for the concept of reporting and interpretive journalism. These genres, as in-depth accounts of a fact, oblige the reporter to sketch out a vast amount of informative material, gathered through interviews and surveys. The objective is to analyze the presence of these controversial, polyphonic voices, in the construction of the identity of the character Felipe Klein, of the story "The tragedy of Felipe Klein", from the newspaper Já, of Porto Alegre, winner of the 2004 Esso Award in the reporting category.

Key-words: culture industry; journalism; polyphony and identity.

* Este artigo foi originalmente apresentado como trabalho final da disciplina "Seminário de Tópico Variável em Práticas Discursivas: Teorias do Discurso", coordenada pela professora Dylia Lysardo-Dias no programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei.

** Jornalista formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, pós-graduado em Marketing e Comunicação Corporativa e mestre em Letras pela Universidade Federal de São João Del-Rei. Foi assessor de imprensa na área cultural, repórter em jornais impressos de Belo Horizonte e é professor de jornalismo. E-mail: andominas@hotmail.com.

*E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? E lhe respondeu, dizendo:
Legião é o meu nome, porque somos muitos.
(BÍBLIA SAGRADA. Marcos 5,9)*

INTRODUÇÃO

O objetivo com este artigo é discutir as confluências entre jornalismo impresso e a noção de polifonia, cunhada pelo teórico russo Mikhail Bakhtin, presentes na produção jornalística atual. Sabemos que, a partir do século passado, com a entrada em cena do que Adorno e Horkheimer caracterizaram como indústria cultural, os meios de comunicação de massa passaram a apresentar como uma das principais características em seus produtos a mistura de gêneros e de linguagens (do cinema, do rádio, da televisão, do teatro, dos meios impressos), o que viria a atender, segundo esses autores, a objetivos notadamente mercadológicos.

O embaralhamento sistêmico, para usar expressão de Bucci e Kehl (2004, p. 127), entre fato e ficção, portanto entre elementos reais e imaginários, tornou-se recorrente nos formatos dos produtos dos meios massivos de comunicação. O jornalismo não ficou imune a essa tendência. A própria evolução do relato jornalístico da categoria notícia (breve relato de um fato) para as de reportagem e de jornalismo interpretativo (que pressupõem relatos aprofundados do fato) abriu espaço para o aproveitamento e incorporação definitiva de aspectos característicos de linguagens artísticas distintas, como as da literatura, do teatro e do cinema.

Essa forma contemporânea de produção dos textos jornalísticos pressupõe uma ampliação do trabalho do jornalista, no sentido de que ele deve reunir farta documentação (por meio da realização de entrevistas com várias fontes de informação e de pesquisas, como em arquivos, por exemplo) para interpretar para os leitores determinado acontecimento. Essa característica coloca o repórter como o agente organizador das várias vozes (incluindo a dele própria) que compõem a tessitura do texto nas reportagens impressas.

Nesses termos, pode-se dizer que o texto jornalístico das categorias reportagem e jornalismo interpretativo é polifônico (onde temos: *poli* = muitos; *fonia* = vozes). O que aqui se pretende fazer é analisar como essa polifonia presente no fazer jornalístico dos meios impressos constrói a representação da identidade de uma personagem envolvida em um fato. Para isso, escolheu-se como *corpus* a matéria “A

tragédia de Felipe Klein”, veiculada pelo jornal *Já*, de Porto Alegre, e vencedora do *Prêmio Esso de Jornalismo* de 2004 na categoria reportagem. A matéria recupera a trajetória de Felipe, filho do ex-ministro dos Transportes na administração de Fernando Henrique Cardoso, Odacir Klein, até o suposto suicídio dele.¹ No percurso teórico, abordamos as noções de reportagem e de jornalismo interpretativo (tendo como pano de fundo o conceito de indústria cultural) e de polifonia em Bakhtin. Depois, analisamos a representação da identidade da personagem que essa polifonia presente na reportagem faz surgir. A hipótese é que desse contexto emerge uma personagem fragmentada, construída pelas várias vozes que permeiam o discurso jornalístico, conforme vários teóricos conceituam a identidade na pós-modernidade.

INDÚSTRIA CULTURAL E JORNALISMO

No âmbito da indústria cultural pensada por Adorno e Horkheimer, uma das principais regras é a obtenção do lucro. Em decorrência dessa característica, os produtos culturais passam a ser estandarizados e produzidos em obediência a fórmulas de sucesso comercial. É o caso dos produtos forjados pelos meios de comunicação de massa – como o jornalismo impresso –, fundados pela confluência entre as várias linguagens técnicas desses meios e pela constante mistura de gêneros. Para os dois teóricos da escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer (1982, p. 162), “[...] os meios técnicos tendem a uma crescente uniformidade recíproca. A televisão tende a uma síntese do rádio e do cinema [...]”. Esse sincretismo entre as características das linguagens dos meios técnicos se prolonga em seus (dos produtos culturais) conteúdos:

O acordo entre palavra, música e imagem realiza-se mais perfeitamente que no Tristão, enquanto os elementos sensíveis são, na maioria dos casos, produzidos pelo mesmo processo técnico de trabalho e exprimem tanto a sua unidade quanto o seu verdadeiro conteúdo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1982, p. 163)

É essa situação que observamos quando a linguagem dos jornais passa a conjugar ingredientes reais e imaginários, informativos e romanescos. A própria manchete da reportagem que será aqui analisada (“A tragédia de Felipe Klein”) é um exemplo disso ao evocar, pelo termo *tragédia*, o gênero de peça teatral que culmina com aconteci-

¹ A matéria não traz a conclusão das investigações da polícia, apesar das evidências apontarem para o suicídio.

mentos fatais. As linguagens do jornalismo e do teatro são trabalhadas conjuntamente para se atingir o efeito desejado. E, para Adorno e Horkheimer, o objetivo final é constituir um produto que agrade ao público (consumidor).

Torna-se necessário explicar, ainda, que a matéria que compõe o *corpus* deste artigo é um gênero jornalístico surgido como uma evolução da notícia em decorrência do processo de concorrência que os meios impressos passaram a sofrer do rádio e da televisão. Erbolato (1984, p. 30-31) observa:

*Na luta contra o jornalismo falado, os jornais impressos tiveram que preparar a sua estratégia. As notícias, que eram superficiais, limitando-se a narrar os acontecimentos, sofreram alterações em sua estrutura. [...] O recurso foi o de se dar ao leitor reportagens que sejam **complemento** do que foi ouvido no rádio e na televisão. Adotou-se, para isso, a pesquisa, tendo como fonte os arquivos dos jornais e as bibliotecas e, ao lado deles, a obtida através da movimentação de equipes de repórteres, que coligem dados secundários ou que ocorreram concomitantemente com o fato principal.*

A reportagem, como notícia em profundidade, exige que o jornalista acumule farto material informativo para o posterior estágio da redação. Isso é feito pela realização de diversas entrevistas com variadas fontes de informação e também mediante consulta a arquivos, documentos, livros e à *internet*. O objetivo é fornecer elementos para um maior entendimento do fato por parte dos leitores. Surge, a partir daí, o conceito de jornalismo interpretativo, definido por Erbolato (1984, p. 33) por apresentar as seguintes características: “explicação das causas de um fato, localização dele no contexto social (ou histórico) e suas consequências”. Essas três orientações podem ser identificadas na matéria “A tragédia de Felipe Klein”. Renan Antunes de Oliveira, repórter e autor da reportagem, reconstitui a vida de Felipe procurando possíveis razões para sua morte, contextualiza-a socialmente e procura pontuar suas consequências (para a família, amigos, amores etc.).

O repórter do jornal *Já* segue as características do jornalismo interpretativo e, após produzir sua matéria textualmente, transformando o material coletado em uma reportagem, “por excelência, a form-narrativa do veículo impresso”, segundo Ferrari e Sodré (1986, p. 11), insere seu relato jornalístico no que esses autores caracterizam como reportagem de ação, ou *action-story*. Vejamos a definição desse modelo de reportagem:

É o relato mais ou menos movimentado, que começa sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante, nessas reportagens, é o desenrolar dos acontecimentos de maneira enunciante, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme. (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 52)

Observe-se que, nessa definição dos teóricos, a semelhança com os procedimentos do cinema é ressaltada, numa clara manifestação do sincretismo típico dos produtos da indústria cultural. Sincretismo que volta a surgir por meio das imagens criadas textualmente pelo repórter em sua descrição do cadáver de Felipe – com demônios tatuados no peito, implantes de chifres na testa e língua cortada ao meio como a de um lagarto –, em contraste com a aparência angelical das fotos de quando ele era criança – cachinhos loiros, olhos azuis, bochechudo –, portanto próximas daquelas das narrativas literárias, entremeadas por informações jornalísticas (como a divulgação sobre a data e o local para onde o corpo foi levado).

A abertura da matéria é a própria manifestação do modelo de reportagem de ação.

Na noite do sábado, 17 de abril, um corpo de aparência incomum foi levado pela polícia ao necrotério da Avenida Ipiranga. Tinha duas protuberâncias esquisitas na testa. O médico-legista abriu o couro cabeludo, abaixou a pele até o nariz e se deparou com algo muito raro: dois chifres implantados na carne, feitos de teflon. Cada um era quase do tamanho de uma barra de chocolate Prestígio.

O cadáver estava todinho tatuado. Trazia argolas de metal nos genitais, mamilos, lábios, nariz e nas orelhas – e estas tinham orifícios da largura de um dedo. De entre os chifres saíam três pinos metálicos pontiagudos. A língua fora alterada: cortada ao meio e já cicatrizada, parecia a de um lagarto.

É claro que Felipe Augusto Klein, morto aos 20 anos, nem sempre teve uma aparência assim. Nasceu uma criança saudável. Era o caçula dos cinco filhos do casal Lili e Odacir – o pai é um político influente, quatro vezes deputado federal, ministro de FHC e atual secretário estadual da Agricultura do Rio Grande do Sul.

Fotos de Felipe no álbum da família mostram a criança típica da classe privilegiada: um menino de cachinhos loiros, olhos azuis, bochechudo, limpo, bem vestido – e, às vezes, sorridente.

Foi na adolescência que ele começou a se mutilar com tatuagens, cirurgias e implantes. Pouco antes de morrer preparava-se para botar nas costas uma pele de lagarto e rasgar sulcos no rosto, para pintar neles uma máscara dos maoris, nativos da Nova Zelândia. Em sua curta vida Felipe radicalizou em 'body modification', a expressão inglesa dos adeptos de mudanças corporais. Nos últimos três anos, todo mês gravou alguma figura nova no corpo, ou se aplicou algum piercing. Para combater as dores provocadas por agulhas e bisturis ele se automedicava. (OLIVEIRA, 2005, p. 8)

Depois dessa abertura, claramente pontuada pela mistura de gêneros e de técnicas de linguagens pertencentes a diferentes meios de comunicação de massa, o repórter Renan Antunes de Oliveira passa a reconstituir a trajetória de Felipe mediante o depoimento de inúmeros entrevistados e de informações obtidas pelo método de pesquisa. Trata-se, então, de uma matéria que pertence ao gênero de reportagem de ação, na concepção de Ferrari e Sodré, construída pelo exercício do jornalismo interpretativo.² O jornalista organiza as várias vozes (incluindo a dele própria) às quais tem acesso para construir sua narrativa. Nesse relato transparece a polifonia de que nos fala Mikhail Bakhtin e que passamos a conceituar.

POLIFONIA

Foi o teórico russo Mikhail Bakhtin que lançou as bases para a compreensão do conceito de polifonia ao estudar a obra de Dostoiévski durante a década de 1920. Sua intenção era demonstrar “o funcionamento do discurso como forma de refletir a complexidade do romance, sua estruturação pelos discursos, e as diferentes vozes presentes em uma obra literária” (FERNANDES, 2005, p. 36). Posteriormente, vários estudiosos da literatura e da análise do discurso incorporaram a noção de polifonia aos seus estudos.

Para compreender a polifonia, é necessário, antes, entender a noção de dialogismo em Bakhtin. Segundo Brait (*apud* FERNANDES, 2005, p. 37), “dialogismo refere-se às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos”. Fernandes (2005, p. 37) lembra que esse *outro* de que nos fala Brait “compreende o mundo social no qual o sujeito se insere”.

Rechdan (2003) distingue dialogismo e polifonia ao argumentar que aquele se refere ao princípio dialógico que constitui naturalmente a linguagem, enquanto a polifonia define-se pelas vozes polêmicas

² Reportagem e jornalismo interpretativo são aqui considerados gêneros jornalísticos, conforme Lage (1993), uma vez que a primeira pressupõe o exercício do segundo.

existentes em um discurso. A teórica explica que existem gêneros dialógicos monofônicos e gêneros dialógicos polifônicos. O primeiro gênero caracteriza-se pela presença de uma voz que domina as outras. É o caso de um artigo de opinião no jornalismo impresso, no qual, apesar de haver uma convivência entre várias vozes, existe a preponderância de uma sobre as outras, qual seja, o ponto de vista que o autor do artigo defende e faz prevalecer. Já o segundo gênero apresenta as vozes em uma convivência polêmica. No romance, por exemplo, Bakhtin evidenciou a presença de vozes sociais que representavam diferentes pontos de vista sobre um dado objeto; portanto, o romance é um gênero polifônico por natureza (RECHDAN, 2003). A autora reforça essa distinção.

Na polifonia, o dialogismo se deixa ver ou entrever por meio de muitas vozes polêmicas; já, na monofonia, há, apenas, o dialogismo, que é constitutivo da linguagem, porque o diálogo é mascarado e somente uma voz se faz ouvir, pois as demais são abafadas. Portanto, conclui-se que há distinção entre polifonia (dialogismo polifônico) e a dialogia (monofonia ou dialogismo monofônico). (RECHDAN, 2003, p. 47)

É possível depreender então que o fato de a linguagem ser constitutivamente dialógica não garante que um texto seja polifônico. Para isso, é necessário que haja um entrechoque entre as vozes sociais que compõem um discurso. Barros (1994) argumenta que são as estratégias discursivas acionadas que definirão o caráter monofônico ou polifônico de um texto. Seguindo raciocínio semelhante ao de Rechdan, ela observa:

Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir. (BARROS, 1994, p. 6)

Polifonia, portanto, foi o que Bakhtin (*apud* RECHDAN, 2003, p. 47) identificou na obra literária de Dostoiévski: “A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenevalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”. Mas, apesar de esse conceito ter sido evidenciado pelo teórico russo tomando-se como objeto de estu-

do o texto literário, Fernandes (1994) destaca que ele se estende, por exemplo, aos discursos cotidianos, uma vez que integra a própria existência das pessoas no mundo.

Assim, é possível perceber a presença de polifonia nas reportagens impressas. Esse gênero do jornalismo, que pressupõe a realização de uma interpretação do acontecimento para o leitor, permite a convivência de várias vozes no texto. Essas vozes são representadas pelas várias fontes entrevistadas, pelas informações obtidas por meio de pesquisa (em arquivos, documentos, livros, *internet*), pela voz do repórter, que é o responsável por alinhar essa massa informativa dando-lhe a forma de texto jornalístico, o que envolve opções – ele (o jornalista) decide o que será aproveitado e o que pode ser deixado de lado, trabalho que obedece a uma técnica de redação, mas que não prescinde de critérios subjetivos –, e também pelo momento da edição, na qual a reportagem recebe o tratamento de outros jornalistas (redator e editor), portanto de outras vozes, que darão o tratamento definitivo à matéria, escolhendo títulos, chamadas de capa e fotos (com suas respectivas legendas).

No caso da reportagem “A tragédia de Felipe Klein”, o repórter soma à dele as vozes de mais 11 entrevistados e as do material informativo pesquisado – além disso, a matéria conta com o trabalho posterior de edição, realizado por outros jornalistas. É dessa trama de vozes que passamos a identificar a construção da identidade de Felipe.

A IDENTIDADE FRAGMENTADA DE FELIPE KLEIN

Dividimos a análise do caráter polifônico da reportagem “A tragédia de Felipe Klein”³ em quatro momentos. O primeiro aborda a representação da identidade da personagem da matéria que surge das impressões de seu autor, Renan Antunes de Oliveira. Como repórter, ele constrói seu relato jornalístico com base nas entrevistas e nas pesquisas realizadas. Significa que o jornalista agrega à voz dele as demais vozes das fontes de informação utilizadas para a produção de sua matéria. No segundo momento, identificamos a identidade de Felipe construída pelos depoimentos a seu respeito fornecidos pelos vários entrevistados. No terceiro, são resgatados depoimentos atribuídos pelos entrevistados ao próprio Felipe Klein sobre sua personalidade. No momento final, relatamos como o processo de edição também contribui para a construção de sua identidade.

³ Essa pesquisa tomou como base a matéria “A tragédia de Felipe Klein” reimpressa pelo jornal Já em 2005, uma vez que a edição de 2004, onde a reportagem foi originalmente publicada, encontra-se esgotada.

A voz do jornalista

O relato do jornalista Renan Antunes de Oliveira é fruto de uma percepção pessoal resultante da massa informativa (coletada por meio da realização de entrevistas e de pesquisas) à qual o repórter teve acesso. Nesse processo, ele conjuga à voz dele as demais vozes (citadas nominalmente ou não) que constituem a fundamentação da reportagem. O primeiro traço da identidade de Felipe Klein a aparecer é o de uma pessoa depressiva (portador do mal conhecido como psicose maníaco-depressiva), como fica evidente nesse trecho:

Os médicos diagnosticaram um mal que surge na adolescência. O 'transtorno afetivo bipolar', ou 'psicose maníaco-depressiva'. Felipe vivia na gangorra entre depressão e euforia, quase sempre no lado da baixa. Era tratado com um coquetel de antidepressivos. (2005, p. 8-9)

À característica de pessoa depressiva, no sentido patológico, é acrescida a de alguém cujo comportamento era exageradamente gótico, apreciador da companhia de animais e solitário.

Por alguns meses fez parte da tribo urbana dos góticos, jovens que se vestem de negro, assumem um ar deprê e desprezam o resto da sociedade – mas se afastou deles porque o pessoal o considerava excessivamente... gótico.

Quando saiu dessa tribo de humanos, ele se voltou mais ainda para seus bichos. Passava dias trancado no confortável quarto que ocupava no amplo apê da família, no edifício El Greco, onde morava com a mãe, uma tia e mais de 20 animais. (2005, p. 8-9)

Outro traço identitário de Felipe Klein que surge do relato do repórter é o de um pesquisador, profundo conhecedor de *body modification*, que usava o próprio corpo para suas experiências e que chegou a jurado de competições internacionais de tatuadores, e também o de um indivíduo vaidoso e exibicionista que, de forma grotesca, teve seu corpo comparado ao de um porco na televisão.

Pesquisando na internet, Felipe virou autoridade em body modification. Quando começou a fazer experiências no próprio corpo ele apareceu na RBS TV, demonstrando as técnicas. Vaidoso, cortejou cineastas para tentar exhibir seu visual em filmes.

Já na fase da 'modification' total, suas imagens acabaram exibidas ao grande público, mas no Ratinho, numa comparação grotesca com um porco. Seu visual o transformou numa celebridade na web. No pequeno círculo dos tatuadores ele chegou a jurado de competições internacionais. (2005, p. 9)

Os próximos fragmentos do texto jornalístico de Renan Antunes de Oliveira retratam, respectivamente, um Felipe determinado, disposto a enfrentar qualquer dor para continuar sua radical transformação do próprio corpo, seu repúdio à humanidade (refletido na idéia de aproximar sua aparência à de um animal por meio da *body modification*), sua característica de tatuador compulsivo, sua atuação como modelo fotográfico e uma pessoa ciumenta.

*Quem o conhecia sabia que era determinado e não temia a dor. Ele mesmo se aplicava alguns **piercings**, aquelas argolas metálicas que usava no corpo, cuja fixação é um pequeno suplício.*

[...].

Nos últimos meses Felipe alimentou a bizarra fantasia de se transformar num animal como aqueles que amava – a idéia era virar um lagarto, aplicando sob a pele das costas bolinhas de silicone que lhe dariam um aspecto enrugado. A língua já estava pronta, dividida numa operação feita por um dentista de Taquara.

No final de março Felipe anunciou a meta de implantar a máscara maori e virar lagarto, coisas que o deixariam irreconhecível. Ninguém duvidou da possibilidade. Mas era tarde. Ninguém pôde mais fazer coisa alguma por ele, exceto assistir sua dolorosa renúncia à humanidade. (OLIVEIRA, 2005, p. 9)

[...].

Na adolescência era cliente (de um estúdio de tatuagem) compulsivo. Finalmente, quando já estava todo tatuado, virou garoto-propaganda da casa. O pessoal de lá elogiava muito seu visual – ele se sentia estimulado e ia cada vez mais fundo.

[...].

Ainda adolescente ele serviu de modelo num calendário gótico.

[...].

Uma série de fotos feitas pela produtora de moda Marion Velasco, com a participação da modelo Priscila Burman, é emblemática do visual chocante de Felipe mesmo antes do implante de chifres.

[...].

Nos primeiros meses separados (do grande amor Helena) ele foi muito ciumento. (2005, p. 11)

Percebe-se que no relato do jornalista Renan Antunes de Oliveira já transparece a representação de uma identidade múltipla, fragmentária, de Felipe Klein. O ponto de vista do repórter – portanto, a voz dele – é o resultado do alinhavo de sua percepção pessoal sobre os fatos, das vozes dos entrevistados e do material pesquisado. Portanto, já aqui se nota o caráter polifônico da reportagem, uma vez que todas essas vozes têm uma convivência polêmica, não há a preponderância de uma sobre as outras.

As vozes dos entrevistados

Na construção da identidade da personagem da reportagem juntam-se à voz do jornalista as dos entrevistados. Como o que se quer é demonstrar a representação dessa identidade, levamos em consideração apenas as citações – seja em discurso direto ou indireto – das fontes que se referem à pessoa de Felipe, ou seja, que ajudam a compor o mosaico de sua personalidade. Foram desprezadas as informações dessas fontes sobre outras circunstâncias envolvidas na matéria. Nos depoimentos de Dona Lili, a mãe, Felipe surge como uma pessoa perturbada psicologicamente, de infância infeliz, solitária, determinada, era um bom filho (preocupava-se com o pai), tinha comportamento avançado e amava a família. Vejamos os seguintes trechos:

[...] A mãe contou que 'cedo' a família percebeu nele 'alguma coisa diferente'. Por isso, 'desde pequeno recebeu tratamento psicológico'. Nos dois últimos anos esteve 'sob o controle de um psiquiatra'.

[...] 'ele nunca foi uma criança feliz' [...].

[...] 'O mundo dele era seu quarto e seus bichos, não gostava de jogar futebol, nem de sair'. (2005, p. 8-9)

[...] 'Eu tentei dissuadi-lo dizendo que um dia ele se arrependeria e que então seria doloroso retirá-los (os implantes), mas ele não ouvia ninguém' [...]. (2005, p. 9)

[...] 'Meu filho se preocupava com o que pudesse acontecer com Odacir (pai)'.

[...] 'Ele sempre tentava protegê-lo'.

[...] 'Acho que ele estava muito avançado para nós, noutra dimensão'. [...]. (2005, p. 10)

[...] 'Não filha, ele nos amava, nós é que éramos sua família' [...]. (2005, p. 11)

Pela voz de Helena, o grande amor dele, Felipe Klein aparece como um homem bonito, sério, nada depressivo, bom na cozinha, alguém que odiava a humanidade, solidário, determinado, um suicida em potencial e filho preocupado com o pai:

Helena se disse atraída 'porque ele era muito bonito antes das modificações', além de ser 'mais sério do que muita gente mais velha'. Ela o achou então 'longe de ser deprê' e que seu figurino 'era menos extremo'. [...].

[...] Às vezes, ele inventava coisas na cozinha, era bom em massas' [...].

[...] 'Ele dizia que queria ser cada vez menos humano. Sentia ódio da raça humana. Detestava pessoas gananciosas e as que buscavam notoriedade'. [...]. (2005, p. 10)

[...] A ex-namorada lembra que 'uma coisa muito dele era sofrer quando via gente fazendo coisas ruins, uns passando por cima de outros para aparecer'. Ela dizia 'esquece isso, vamos nos divertir', mas parece que ele 'não era disso, levava as coisas até o fim'. (2005, p. 10-11)

[...] 'Eu acho que é por isso que ele se matou. Ele queria ser o menos humano, mas ao mesmo tempo encarava todos os problemas. Se você encara, como é que vai sobreviver? O suicida é aquele que não vê uma saída. E Felipe era assim'.

Ela disse que ele demonstrava 'grande preocupação com o pai. Quando ele sofria suas crises de alcoolismo, Felipe era o mais presertativo. Tomava a iniciativa de ajudá-lo, mas na volta se via que ele sofria. Ficava quieto num canto, muito triste'. (2005, p. 11)

O depoimento de Karen, a última namorada, reforça a característica de um potencial suicida: “Ela disse às autoridades que os dois tinham um pacto de suicídio. Karen desistiu da idéia quando eles discordaram sobre formas indolores de morrer – Felipe gostava de se flagelar”. (2005, p. 9)

A voz de Felipe

Na reportagem, a voz de Felipe Klein também se faz ouvir pelo depoimento dos entrevistados, que recuperam frases que ele teria dito. Esses metarrelatos ajudam a compor o mosaico da identidade dele. Eles dão conta de alguém desconfortável na sociedade, profundamente descontente com as pessoas e pragmático nas relações amorosas:

'Eu não sou desse mundo' era sua frase predileta. Felipe disse que se sentia assim para dona Lili, para Helena, seu grande amor, para Karen, sua última namorada, para Cristiano e Xande, dois tatuadores tão amigos que cada um segurou uma alça do caixão, e para Virgínia, uma amiga que foi ao enterro chorar com a família. [...]. 'Ele gostava mais de animais do que de gente', contou Helena, citando outra frase ouvida dele [...]. (2005, p. 8-9)

[...] No início, queixou-se para Cristiano da separação. Depois arrumou outra namorada, mas reclamava que ela 'pegava no pé por picuinhas'. Não queria ficar sozinho e seu lema passou a ser 'antes mal acompanhado do que só' [...]. (2005, p. 11)

Essas seriam as vozes que permeiam o texto da reportagem “A tragédia de Felipe Klein”. Mas há ainda a voz da edição, responsável pelo acabamento final da matéria e que dá a última contribuição na construção da identidade de Felipe.

A voz da edição

Segundo a *Folha de S. Paulo* (1992, p. 139), edição é “o processo através do qual o material jornalístico chega à forma final em que aparece aos olhos do leitor”. Esse “processo pressupõe escolha e hierarquia dos temas e sua apresentação gráfica ao leitor”. Portanto, o trabalho de edição envolve aspectos subjetivos, uma vez que é de responsabilidade de outros jornalistas (editores) que, a rigor, não participaram da apuração da matéria. Ainda de acordo com *Folha de S. Paulo* (1992, p. 139), a “subjetividade inerente ao processo de edição deve refletir um enfoque editorial – dado pelos editores, pela Secretaria de Redação e, em última instância, pela Direção de Redação”. Então, é possível dizer que a edição, que cuida da apresentação gráfica final do material jornalístico, traz embutida em seu processo outras vozes, que são responsáveis por dar títulos, subtítulos e legendas de fotos (e pela própria escolha dessas fotos), trabalho esse que também atribui sentido à matéria.

Na reportagem “A tragédia de Felipe Klein”, podemos perceber a presença dessas vozes. Em relação ao texto, temos os seguintes trechos (respectivamente a chamada da primeira página, a abertura da matéria e dois olhos⁴) que falam sobre a identidade da personagem da matéria:

O que faz um jovem da elite, inteligente, bonito, bem-sucedido, seguir o caminho da destruição? (2005, p. 1)

⁴ Recurso de edição usado para destacar trechos relevantes ou sugestivos de uma matéria jornalística e que servem para arejar sua leitura.

*Ele tinha tudo para ser feliz. Juventude, saúde, beleza, dinheiro, inteligência, o amor de belas garotas. Poderia ir longe, mais rápido e mais fácil do que muita gente. Mas Felipe não queria ser humano. Criou para si um mundo **dark** e animal. Tatuou demônios no peito – e foi vencido por eles. (2005, p. 8)*

O visual de Felipe chocava muita gente. Na rodoviária, foi interpelado por um homem: ‘O que é isso? Eu pensei que ETs não existissem!’ (2005, p. 8-9)

Na rua, as pessoas o provocavam. Ele não reagia. A mãe tomava as dores e o defendia. (2005, p. 10-11)

Na chamada, Felipe é caracterizado como um homem de elite, inteligente, bonito, bem-sucedido e autodestrutivo. Na abertura da matéria, além do reforço de sua imagem como belo e inteligente, surgem definições dele como uma pessoa jovem, saudável, capaz de despertar o amor de garotas bonitas, desconfortável na condição de humano e introspectivo. No primeiro olho, ele é definido como uma pessoa de aparência bizarra pela reprodução da afirmação de um homem (que não consta no corpo da matéria); e, no segundo, pode-se deduzir que era calmo, incapaz de reagir a provocações.

O aspecto icônico também fala sobre Felipe. Na edição da matéria, as fotos são dispostas de uma forma em que é possível acompanhar sua transformação física. A trajetória fotográfica mostra a criança sorridente da infância, o indivíduo com o corpo coberto por tatuagens, *piercings* e diversos implantes e sua atuação como modelo fotográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exemplo da diversidade de motivos tatuados no corpo de Felipe, a identidade dele também surge representada na reportagem “A tragédia de Felipe Klein” como múltipla, contraditória, fragmentada. Essa caracterização problematizada é fruto do convívio de vozes polêmicas na narrativa do jornalista Renan Antunes de Oliveira. Trata-se, portanto, da presença da polifonia de que nos fala Bakhtin no relato jornalístico, no qual as várias vozes (do jornalista, dos entrevistados, do material informativo pesquisado, dos editores) descrevem esse personagem como depressivo para alguns e não para seu grande amor Helena, como pesquisador e autoridade em *body modification*, vaidoso, determinado, solitário, bom filho, sério, bonito, ciumento, avançado para sua época, bom cozinheiro, potencialmente suicida e que nutria

ódio pela humanidade, ao ponto de querer renunciar a essa condição pela transformação radical de seu corpo.

Essas são algumas características, dentre outras, que familiares, amigos, namoradas e pessoas próximas viam em Felipe. Certamente, sua identidade era ainda mais complexa. No entanto, essa é a construção identitária que o relato do jornalista elabora mediante vasta coleta de informações. O repórter, por meio de seu trabalho, realiza o chamado jornalismo interpretativo – uma grande reportagem –, gênero inaugurado nos meios impressos, no contexto da indústria cultural pensada por Adorno e Horkheimer, diante da necessidade de o jornal concorrer com o rádio e a televisão.

Vimos que o exercício do jornalismo no âmbito da indústria cultural apresenta como uma de suas principais características a mistura de gêneros e de linguagens. Esse é outro aspecto que nos permite identificar na reportagem o convívio de elementos factuais e romanescos e o sincretismo da narrativa jornalística com elementos próprios das linguagens dos meios audiovisuais, como do cinema, modelo que Ferrari e Sodré (1986) chamam de reportagem de ação.

A reportagem impressa, na forma como é praticada atualmente, é que permite que o discurso jornalístico seja atravessado por várias vozes – seja, portanto, polifônico. Essa confluência observada entre jornalismo e polifonia é que possibilita a representação da identidade de Felipe Klein de forma fragmentada, seguindo a linha do indivíduo descentrado da pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 155-204.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz (Org.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 3-9.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- FOLHA DE S. PAULO. *Novo manual da redação*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1993.
- OLIVEIRA, Renan Antunes de. A tragédia de Felipe Klein. *Já*, Porto Alegre, ano 16, n. 342, p. 8-11, jan. 2005.
- RECHDAN, Maria Leticia de Almeida. Dialogismo ou polifonia? *Revista Ciências Humanas*, Taubaté, v. 9, n. 1, p. 45-54, jan./jun. 2003.

